

A Caçada da Saúde Mental: A Minha Epifania Heteroflex no Dia do Vinil

Por Eduardo Woetter · Publicado em 20/04/2026

Não é apenas sobre a poeira de um sebo no Dia do Vinil. É sobre o momento em que eu quase infartei de rir ao ver um estranho de camisa WÖETTER 10 segurando a capa de HETEROFLEX; dos Manoel e Manoel;. A saga de como dois cowboys podem salvar a sua saúde mental e a surpresa absurda que eu tive quando fui procurá-los no Spotify.

Versão online e eventuais atualizações: <https://woetter.com/post/cacada-saude-mental-epifania-heteroflex>

O cheiro de mofo é afrodisíaco para quem sabe o que procura. Para todos os outros, é apenas o cheiro de rinite iminente e poeira acumulada desde o governo Sarney. E ali estava eu, no coração do “SEBO CENTRAL DE SÃO PAULO”, celebrando o Dia do Vinil com a única coisa que me restava: uma obsessão doentia por caixas de plástico cinzas cheias de tesouros esquecidos.

Vamos ser brutalmente honestos: colecionar vinil é a versão adulta (e com boletos muito mais caros) de catar figurinhas de álbum do Campeonato Brasileiro. A diferença é que a gente cruza os braços, faz uma cara de intelectual blasé e finge que é uma “experiência auditiva orgânica superior”, quando, na verdade, é só o desejo desesperado de segurar algo tangível num mundo onde tudo é nuvem, bit e assinatura mensal. É a nossa saúde mental pedindo socorro em 33 RPM, um refúgio de plástico e cera contra a ansiedade da efemeridade digital.

Eu já estava há quase uma hora fazendo a minha melhor imitação de um arqueólogo urbano. Desviando de ácaros com CPF e teias de aranha estruturais, minhas mãos estavam cinzas de fuligem e meu pescoço pedia um quiroprata. Já tinha ignorado estoicamente quatro cópias idênticas de Roberto Carlos que pareciam brotar espontaneamente a cada novo caixote.

Foi então que aconteceu. O momento em que o universo pisca para você.

Lá estava eu, de costas para a vitrine, ostentando minha camisa de futebol vintage – um “E. WÖETTER” número 10, com bordas tricolores. Uma elegância anacrônica que, francamente, contrastava lindamente com a decadência charmosa do lugar. Minhas mãos pararam. Meus olhos se arregalaram. Eu havia encontrado a imagem perfeita da descoberta musical que eu nem sabia que o meu cérebro precisava processar.

Ergui a capa como se fosse o Santo Graal do absurdo. “HETEROFLEX”. Esse era o título, em letras garrafais. E o visual? Uma pintura renascentista da estranheza. Dois vaqueiros. Um ostentando um sorriso de quem acabou de descobrir que o bar tem open bar de catuaba, o outro encostado nele com a intimidade de um parceiro de crimes românticos ou de negócios ilícitos de gado.

Eram eles: Manoel e Mozael.

A mente humana é um lugar perigoso e incontrolável. Diante daquela capa, meu cérebro, completamente envenenado pela internet e pelas redes sociais, imediatamente lançou um pensamento intrusivo com a velocidade de um raio. Fiquei imaginando a trend de shippar casais juntando as iniciais. Manoel e Mozael. Mano + Mo... #mamo. ?

Sim, eu soltei um pequeno e audível “LOL” sozinho, no meio do sebo, segurando um disco de sertanejo de gosto altamente duvidoso. O título “HETEROFLEX” abria um buraco negro de interpretação semântica. Era uma vanguarda da desconstrução da masculinidade frágil no interior do Brasil? Uma piada interna que saiu do controle na gráfica? A ironia era tão densa que dava para cortar com uma faca de manteiga. Era como se a capa estivesse me julgando de volta, dizendo: “Nós sabemos que você é irônico demais para assumir que adorou isso”.

Aquele lapso de tempo foi uma pílula de dopamina instantânea para a minha saúde mental. Enquanto o trânsito lá fora colapsava, eu estava ali, rindo de uma piada que eu mesmo contei na minha cabeça sobre dois cowboys chamados Manoel e Mozael. Uma descoberta musical que valia mais do que três sessões de análise.

Mas aí entrou o meu orgulho estético. Eu olhei bem para o disco. Olhei para a minha camisa Wöetter. Pensei no meu toca-discos em casa, acostumado com jazz melancólico e indie rock de bandas onde todo mundo usa gorro no verão. Eu tenho um bloqueio inegociável com sertanejo. É físico. Minha orelha rejeita.

Com a dor de quem abandona um filhote de cachorro feio, porém carismático, na chuva, eu devolvi Manoel e Mozael para o caixote. “A piada é ótima, mas não vou gastar dinheiro com sertanejo”, pensei, virando as costas e indo fuçar a seção de rock progressivo lituano (ou qualquer coisa igualmente pretensiosa).

Um erro fatal. O tipo de erro que assombra colecionadores de vinil até o fim dos tempos.

Minutos depois, vi pelo rabo do olho. Um cara com uma ecobag e cara de quem curte ironia pós-moderna se aproximou do exato caixote que eu havia abandonado. Vi o momento exato em que ele arregalou os olhos. Vi ele pegar o “HETEROFLEX”. Vi o sorriso dele se formar. E, com a audácia dos vencedores, vi o infeliz marchar direto para o caixa, abraçado com o disco como se fosse o seu primogênito.

Bateu na hora. Aquele gosto amargo na boca. A sensação avassaladora de “eu deveria ter comprado essa porcaria”. Não pelo som. Mas pela história. Pela capa moldurada na parede da sala causando confusão nas visitas. Eu perdi a chance de ser o embaixador oficial da hashtag #mamo.

A música (e as capas de disco) são um pilar estranho da nossa saúde mental. O ato de caçar o desconhecido e abraçar o ridículo faz parte da jornada. Fui para casa sentindo que havia falhado no Dia do Vinil.

Mas a pulga atrás da orelha era do tamanho de um jipe. Cheguei em casa, joguei a jaqueta no sofá, saquei o celular e fui engolir meu orgulho. Digitei no Spotify: "HETEROFLEX Manoel e Mozael".

E MEUS NEURÔNIOS ENTRARAM EM CURTO-CIRCUITO. ELES ESTÃO LÁ!

ELES. TÊM. UM. SPOTIFY.

Eu esperava o limbo absoluto. Um relicário esquecido que só existia naquele vinil roubado de mim por um hipster de ecobag. O que eu encontrei foi o perfil oficial. A surpresa foi tão desproporcional que eu tive que me sentar. A ironia atingiu seu clímax. Nós frequentamos sebos sujos buscando as cinzas do passado, para provar que somos nostálgicos e autênticos, e o passado vira a esquina e nos dá um tapa na cara, perfeitamente digitalizado no streaming.

A descoberta de que o disco que eu não comprei não era apenas um surto coletivo, mas algo acessível a um clique de distância, foi a redenção da minha saga. O mundo é esquisito, interconectado e brilhante. A prova de que a nossa saúde mental não está perdida; ela está apenas escondida em playlists aleatórias de duplas sertanejas com nomes altamente shippáveis.

A vida é muito curta para não se arrepender das compras não feitas. E o Dia do Vinil serve exatamente para isso. Para te lembrar que a sua descoberta musical do ano pode estar na prateleira, rindo da sua cara, vestindo chapéu de cowboy.

E você? Qual foi a sua caçada da saúde mental no Dia do Vinil? Já encontrou algo tão absurdamente genial que precisou compartilhar? Conta pra mim nos comentários do blog. Prometo que não conto pra ninguém ?